

Chiquinho  
M. K. P.

Uma exposição de motivos no presente trabalho é indicada. Porque a decisão de analisar um estudo de alguns problemas ligados à tradução foi tomada, não ao acaso, em situação relativamente complexa. A decisão não visa exclusivamente, e nem predominantemente, fornecer uma espécie de guia para tradutores. É verdade que há uma preocupação de ser útil, de uma forma ou outra, aos que estão interessados e precisam de tradução e de se lembrar, mas essa utilidade, se for atendida, não é o ponto primordial deste trabalho. É verdade, em geral maior, e elaborado de alguns aspectos teóricos que surgem à tona no curso da prática. Desde que por "teoria" não seja entendido apenas "genera-ção explicativa", mas também "distanciamento". De forma que o campo de fatores interessados é a um tempo mais amplo e mais restrito que aquele de interessados em ler um manual de tradução e seus problemas. É mais amplo, porque abrange também alguns que não estão diretamente relacionados com a tradução, e é mais restrito, porque se dirige aos que são empregados por teoria. É o caso de alguns autores que se dirigem às considerações expostas no curso deste trabalho. No pressuposto que algumas dessas considerações se lhe ocorrerem, e ne esperam de contribuir algo para o seu esclarecimento. E quem se nutre de este tipo de consideração sabe que os problemas de tradução estão entre os mais fascinantes, e mais desafios, dos que a humanidade o pensamento da civilidade.

Traduzir, para mim, não é um trabalho que se escolhe deliberadamente. Como o tradutor quer se propor traduzir um texto de uma para outra língua. Ao nos dar, foi lançado em situação bilingue. A tarefa de traduzir foi imposta sobre mim como uma das determinações do ambiente. Condições impostas pelo ambiente são tomadas, no instante, por naturais, já que a criança não distingue entre natureza e cultura. De forma que sempre traduzi "naturalmente", e a tradução faz parte da minha "natureza". Os problemas da tradução não se dão, e sim, apenas como "objetivos". Não se também na investigação, e esclareço-los faz parte da tarefa sociática de conhecer-se a si mesmo. Há, na minha consciência, um aspecto dialético que não caracteriza todas as consciências humanas. Tenho um lado alemão e um lado tcheco. Traduzir entre os dois lados é pois, em certo sentido, tentar superar uma dialética interna e encontrar-se a si mesmo. O ambiente bilingue impõe sobre a consciência uma auto-aliança estruturalmente remanescente da esqui-za, e a tradução adquire, em tal ambiente, funções desafiadoras. E não é acaso fortuito ser feita o termo de uma "escola" linguística que é uma das fontes do estruturalismo da atualidade. Esta função desafiadora da tradução é um dos motivos deste trabalho.

Por certo: a situação bilingue não é, como tal, generalizável. A grande maioria nasce, como que, para uma única língua. E se vir a aprender outras, a língua materna formará, via de regra, uma infra-estrutura para as aprendidas. Será uma espécie de metalingua natural para as demais aprendidas ou a serem aprendidas. Traduzir, em tal situação, significa adequar a

Lingua sistema. Não haverá, em tal situação, a ausência de estrutura fundamen-  
 te, ausência essa que caracteriza a situação bilíngue. Mas a falta de funda-  
 mento, a "Bodenlosigkeit", que é vivenciada pelo indivíduo em situação bilín-  
 gue, é apenas aparentada, não eliminada, em situação bilingue, embora por uma  
 natureza, porque surgem sempre interdependências. A medida que a prática de  
 tradução vai apontando as inadequabilidades entre línguas aprendidas e línguas  
 nativas, vai problematizando a língua materna como estrutura fundante. De  
 modo que a prática de tradução vai esvaziando e excautando a solidão dos no-  
 tos do pensamento e do comportamento, já que vai revelando a sua relatividade  
 e as limitações de sua aplicabilidade. Esta língua reveladora da "Bodenlosig-  
 keit" de todo homem é outro motivo deste trabalho.

Uma fenomenologia da tradução deverá também a contradição que existe  
 de contar, e que é esta: a possibilidade de traduzir revela os abismos entre  
 línguas, e a possibilidade de traduzir revela todos os aspectos de línguas  
 bilíngue a tradução aparece como ponte sobre um abismo, para o monólogo como  
 revelação do abismo, já que o diálogo tende a diminuir de sua possibilidade,  
 e o segundo da sua necessidade. Ambos corrigem a sua tendência no curso da  
 prática. O bilíngue vai aprendendo os aspectos genéticos, o monólogo os as-  
 pectos específicos das línguas. Os problemas de tradução mostram parte o bi-  
 língue um substrato das línguas que é muito mais geral que aquele que ele sus-  
 mante. Os mesmos problemas mostram parte o monólogo os horizontes das lín-  
 guas que são muito mais estreitas que aquelas que ele suspetava. Este fun-  
 damento pedagógico da tradução é mais um motivo deste trabalho.

Não resta dúvida que as considerações dessa língua pedagógica evocam outras,  
 consagradas pela tradição da filosofia. Tem elas a ver com a dialética da  
 consciência, com a reflexão como superação dessa dialética, e com o trans-  
 cendente da consciência um sentido kantiano. Uma linguagem estrutural em-  
 pre a problemática estritamente filosófica e a problemática da tradução sugere  
 re instantaneamente a relação íntima entre ambas. O processo da tradução con-  
 ue o lugar correspondente do reflexo, a metalingua ocupa o lugar corres-  
 pondente do da transcendência, e o resultado da tradução o lugar corresponden-  
 te do da superação na estrutura da tradição da filosofia. Possivelmente seja  
 a preocupação com problemas da tradução apenas variante da preocupação com  
 problemas do pensamento. Especialmente estão convencido que essa é, nos no-  
 prendendo transformar essa convicção em dogma. Apenas em hipótese operante.  
 E esta tentativa é outro motivo deste trabalho.

Segundo uma pista aberta por essa hipótese torna-se plausível afirmar que a  
 vivência da tradução é extraordinariamente apta para ser analisada sob os cri-  
 térios de determinação e de liberdade. Em outras palavras: no ato de traduzir  
 vivencio a minha liberdade e os limites da minha liberdade de maneira ~~prática~~  
 extraordinariamente acessível a análises formais, inclusive quantitativas. E  
 uma das partes vivências nos quais posso apontar, pelo menos em tese, um certo

Grün de existência e sua componente arbitrária, e distinguindo de sua componen-  
to derivada. Os termos "liberdade e liberdade em tradução" denotam esta  
possibilidade. A hipótese que se pretende devaluar e certos termos e conceitos  
estabelecidos que permitem os contextos que traduzem como tradução e  
nões de transpor sentido de língua para língua. Mas a vantagem de valor se  
é inserida na vantagem de tradução, e devolve-se a teoria de tradução e  
mais um novo trabalho.

A hipótese de equívoco de tradução com reflexo sugere um trabalho de  
significados conceituais dos termos "tradução" e "língua". O significado  
de "tradução" pode abarcar o significado de "interlinguagem", de "arbitrária"  
e "reorientação em outro contexto". O significado de "língua" pode abarcar  
o significado de "língua", de "sistema simbólico" e de "jogo". "Tradu-  
ção" entre línguas em significado conceitual e respeito aos termos pressu-  
midos, neste caso, para o exemplo específico de processos de línguas. Os  
problemas específicos deste tipo de tradução e exemplos específicos de pro-  
blemas em línguas. Este trabalho de estudo de problemas de tradução e  
outro novo trabalho.

É pois no contexto de línguas como os indicadores que se trata o domínio de línguas  
e a tentativa de traduzir de línguas para línguas e tradução como  
teoria e prática. O contexto pode valer por respeito de cada uma das  
línguas em tradução e línguas, avançada e tradução com o problema de  
concretização. A tradução de línguas para línguas tem constante caráter e continen-  
cial que essas tentativas concretizam. O presente trabalho é um trabalho de estudo  
neste, parte de línguas para línguas, conveniencialmente, "teo-  
ria do conhecimento", "teoria de comunicação" e "crítica de arte". Invari-  
avelmente campos de pesquisa nos problemas de tradução, portanto em pesquisa  
ção de um problema que, parte de línguas, tem aspectos múltiplos existentes  
eis, e, neste sentido, múltiplos. Sei perfeitamente de línguas arbitrária  
de línguas competência nestes campos. Mas outro e esperança de poder contri-  
buir, a respeito disto, para uma parcial tradução de línguas dos seus as-  
pectos, dada a especificidade de seu enfoque.

Neste trabalho pouco acadêmico, ou pelo menos híbrido, quero que investo a  
um esclarecimento quanto ao método que pretendo seguir no curso de trabalho  
no. Digo: "pretendo seguir", e ~~XXXXXXXXXXXX~~ "seguir", porque não me  
parece aos problemas considerados. Com este reserva pretendo aplicar um  
método fenomenológico aos problemas de tradução, aproximadamente no seguim-  
to de línguas: procurar primeiro suspender todas as explicações prévias e  
tentar mesmo de tradução, tal como ele se processa na prática. Nesse fase  
negativa procurar primeiro expor essas explicações, para depois abandoná-  
las. Na segunda procurar descrever o processo de tradução, tomando apenas  
e não experiência como base. Nessa fase descritiva procurar evitar fo-





Não resta dúvida: o fato da multiplicidade de línguas é extremamente in-  
 cômodo, e seria desejável se pudessemos ou negá-lo, ou explicá-lo, no sen-  
 tido de "explain it away" (que é o sentido dado ao termo "explicação" por  
 todos que consideram problemas explicados problemas resolvidos). De modo  
 que as considerações seguintes se propõem estas perguntas: (1) A multi-  
 plicidade de línguas é ou não é incômoda? (2) A multiplicidade de lín-  
 guas é ou não é um fato? (3) A multiplicidade de línguas é ou não é ex-  
 plicável, (no sentido mencionado)? A sequência das perguntas sugere que  
 já se possui as respostas. A saber estas: Pergunta (1): não. Dal o não  
 tivô da pergunta (2), cuja resposta é: é. Dal o notívô da pergunta (3),  
 cuja resposta é: não é. Trata-se pois de perguntas retóricas, cuja fun-  
 ção é pedagógica e negativa: limpar o campo para perguntas genuínas, i.e.  
 perguntas nascidas da perplexidade.

(1) Multiplicidade de línguas: tomemos esta expressão, primeiramente,  
 em seu sentido óbvio e corriqueiro. Português e Inglês, suahili e dan-  
 tu. Em seguida, tomemos a expressão em sentido literalmente ampliado.  
 Kaperanto e Ido, Basic English e Koine, as várias línguas de computado-  
 res. Ampliamos ainda um pouco o campo de significado. Lógica aristoté-  
 lica e lógicas modernas, geometria euclidiana e geometrias não-euclidianas.  
 E neste campo ampliado mudemos de enfoque. Línguas primitivas e línguas  
 evoluídas, língua clássica e língua romântica, língua de Fernando Pessoa  
 e língua de Guimarães Rosa. Ou ainda: língua científica e língua poé-  
 tica, língua erudita e língua corriqueira, língua pictórica e língua mu-  
 sical, língua profana e língua religiosa. Ou, radicalizando: men portu-  
 gues e ten portugues, minha pintura e tua pintura, meus sonhos e teus  
 sonhos. Os exemplos citados chamam por definição do termo "língua", já  
 que, aparentemente, o significado desse termo não foi apenas ampliado,  
 mas modificado, durante a enumeração dos exemplos. Que seja ignorado  
 esse clamor, e que se já deretida a tentativa de definir "língua" para  
 um contexto mais apropriado neste trabalho. O propósito de enumerar  
 de exemplos. É este: ilustrar o incômodo da multiplicidade de línguas, qual  
 quer que seja a definição que queiramos dar ao termo "língua".

O incômodo tem um lado prático que tem a ver com comunicabilidade. O fa-  
 to de se falar nos Estados Unidos línguas diferentes da falada no Brasil  
 dificulta a comunicação entre ambos; o fato de a física atual recorrer  
 a geometrias não euclidianas no curso secundário dificulta a comunicação  
 entre física e leigos; e o fato de tu falares outro português que eu di-  
 ficulta a comunicação entre pessoas. Mas este tipo de incômodo pode ser  
 vivenciado como desejo estigmatizante, e a multiplicidade de línguas como  
 riqueza. Vamos aprender Inglês, ou COBAL, ou Lobatchewski, e ampliar a  
 nos o nosso campo. Mas será o lado prático do incômodo da multiplicidade  
 de línguas que será considerado no que se segue.

A multiplicidade de línguas é um fato incómodo por seus aspectos técnicos e isto mais especialmente numa época como a nossa, na qual o método dito estrutural está sendo aplicado a campos os mais diversos. É incómodo, porque parece querer desatir e problematizar alguns dos pressupostos fundamentais do estruturalismo. É já que o estruturalismo pode ser um método relativamente novo, mas os seus pressupostos fundamentais são certamente antiquíssimos e consagrados pela tradição da nossa cultura, a multiplicidade de línguas é um fato incómodo, porque parece querer desatir e problematizar esses pressupostos consagrados. E o pressuposto mais ameaçado é este: tudo é sistematizável. Discutirei primeiro o pressuposto, e depois a ameaça que para ele representa a multiplicidade de línguas.

O pressuposto "tudo é sistematizável" pressupõe, em primeiro lugar, que é possível ordenar fenômenos em grupos, e pressupõe, em segundo lugar, que é possível ordenar os fenômenos nos grupos. Em outras palavras: o pressuposto pressupõe uma hierarquia de sistemas. O próprio termo "hierarquia" ordena sacra" sugere que se trata de pressuposto consagrado. Henri LeFebvre, na sua crítica a Lévi-Strauss, chama a este pressuposto "leatismo". Com efeito, Parinides é uma bela ilustração da aplicação do pressuposto. Mas por certo Heráclito não o é menos, e se o estruturalismo for considerado elétrico e o marxismo heraclítico, ambos por certo participam do mesmo pressuposto. Porque ambos sistematizam e ambos hierarquizam. E com eles quase todos, os pensamentos do Ocidente. Apenas o estruturalismo se torna plenamente consciente do fato.

O pressuposto é, com efeito, uma negação ao caos e ao absurdo. Ao sistematizar ordena, e ao hierarquizar dá sentido. Não nega, necessariamente, o caos e o absurdo como dados, mas nega, necessariamente, o caos e o absurdo do como dados inalteráveis. "Tudo é sistematizável" pode ser lido assim: "O caos e o absurdo são superáveis pela sistematização, que lhes confere a ordem e sentido". Se lido assim, não fundamenta apenas toda uma série de teorias de conhecimento, mas também de teorias de valores. Com efeito fundamenta quase todas as teorias de conhecimento e de valores da nossa cultura.

Ao negar o caos e o absurdo, nega o pressuposto intervalos e cruzamentos entre sistemas, e nega a reversibilidade da ordem entre sistemas. Não os nega, necessariamente, como dados, necessariamente, como dados inalteráveis. Aceita, (se os aceitar), intervalos, cruzamentos e reversibilidade como falhas da sistematização, falhas a serem superadas. Porque se aceitasse intervalos, teria aceite a penetração do caos na ordem. Se aceitasse cruzamentos, teria aceite a superposição do caos sobre a ordem. E se aceitasse reversibilidade, teria aceite o absurdo do sentido. Aceitar tudo isto como inalterável, seria aceitar a inutilidade de toda sistematização como atitude radical, e isto implica num abandono do pressuposto. E o pressuposto quer-se radical, isto é: quer-se como atitude teórica e prática ante o mundo.





VILÉM FLUSSER

de acordo com o texto das suas respectivas línguas. Embora seja possível distinguir-se em  
 e elas, sendo opiniões (paradoxos), que se sustentam solitariamente no con-  
 e conflitivas, dada a multivalência das línguas. E pode construir, graças  
 paradoxes). O homem que recorre a elas, articula opiniões, que são verdadeiras  
 os elementos em multivalência de línguas, todas elas aparentes, (o des-  
 parecer, em suma, no serem "physis". Dada essa sua mobilidade resultam es-  
 entre outras coisas, na sua indeterminação, no seu mover-se, surgir e des-  
 sombras, intuições imperitórias das línguas. V imperitório das sombras está,  
 de línguas enganosas, no terreno de natureza. Os elementos de natureza são  
 "essências". A queda das línguas que é o nascimento colocou o homem em terreno  
 ponto de vista de línguas fincas, porque por ela o homem se aliena das línguas  
 na natureza. Mas essa insaturação, (o nascimento do homem), é um queda do  
 que permanece de todos, porque é o partir dela de um instaurado os homens  
 "tudo os humanos) que cobre tudo igual com. Ela é, de certa maneira, a lin-  
 Essa língua deve ser concebida como sistema que parte por cima de tudo, um.  
 Real língua finca é fixa e imóvel, e neste sentido, um "sistema fechado".  
 forma os elementos são "línguas", um significado essencial desse termo).  
 língua verdadeira. Os seus elementos são as "línguas", e os outros que or-  
 língua. Nesta a teoria de verdade humana e espiritual forma: há um único  
 (1) o verdadeiro ser do homem, espírito e matéria, o fundamento e a estrutura huma-  
 na de multivalência de línguas.

de acordo com o texto das suas respectivas línguas. Embora seja possível distinguir-se em  
 e elas, sendo opiniões (paradoxos), que se sustentam solitariamente no con-  
 e conflitivas, dada a multivalência das línguas. E pode construir, graças  
 paradoxes). O homem que recorre a elas, articula opiniões, que são verdadeiras  
 os elementos em multivalência de línguas, todas elas aparentes, (o des-  
 parecer, em suma, no serem "physis". Dada essa sua mobilidade resultam es-  
 entre outras coisas, na sua indeterminação, no seu mover-se, surgir e des-  
 sombras, intuições imperitórias das línguas. V imperitório das sombras está,  
 de línguas enganosas, no terreno de natureza. Os elementos de natureza são  
 "essências". A queda das línguas que é o nascimento colocou o homem em terreno  
 ponto de vista de línguas fincas, porque por ela o homem se aliena das línguas  
 na natureza. Mas essa insaturação, (o nascimento do homem), é um queda do  
 que permanece de todos, porque é o partir dela de um instaurado os homens  
 "tudo os humanos) que cobre tudo igual com. Ela é, de certa maneira, a lin-  
 Essa língua deve ser concebida como sistema que parte por cima de tudo, um.  
 Real língua finca é fixa e imóvel, e neste sentido, um "sistema fechado".  
 forma os elementos são "línguas", um significado essencial desse termo).  
 língua verdadeira. Os seus elementos são as "línguas", e os outros que or-  
 língua. Nesta a teoria de verdade humana e espiritual forma: há um único  
 (1) o verdadeiro ser do homem, espírito e matéria, o fundamento e a estrutura huma-  
 na de multivalência de línguas.

campo do aparente. Não é, pois, negada a multiplicidade de línguas na aparência, mas é afirmada a única língua na realidade.

A teoria da tradução assume, em tal contexto, a função de salvaguarda, no sentido de libertação do aparente e desvelamento da realidade. Traduzir, neste contexto, é reduzir, a saber: reconduzir as várias línguas das opiniões para a única língua da sabedoria. O método dessa tradução redutiva é a recordação, (mética), das ideias originais, das quais os elementos das múltiplas línguas são profecias, (sombrias). O motivo dessa tradução redutiva é a busca da sabedoria, (filosofia). A meta da tradução redutiva é a desalienação, por reintegração no sistema único, fechado, e inatual que fundamenta tudo, portanto: na realidade. O dia-tonismo, tomado como teoria da tradução, é um realismo linguístico, no sentido de postular uma única língua fundante como "a realidade". E, se vistos sob o mesmo prisma, são outros sistemas, como o artístico e o tomista, variações da mesma teoria.

O crucial nessa teoria é, para as finalidades das presentes considerações, a concepção da tradução como redução sobre um sistema fechado e inatual. A abertura e atualidade das múltiplas línguas aparentes são tomadas como sintomas patológicos, e a sua redução sobre o sistema fechado e inatual como terapia. O tradutor, no seu destarce como filósofo, (ou teólogo), é, neste sentido, o "médico da alma". Uma tal concepção permite a elaboração de ontologias, teorias de conhecimento e de valores, (por exemplo organismos e sumas). Ao negar a multiplicidade de línguas "reais", E, no presente enfoque, esta é a sua finalidade.

A teoria é insustentável por várias razões, e o fato de ser ela falsificada pela clonagem. A primeira dessas razões é o fato de ser ela falsificada pela tradução como praxis. Porque, se a teoria fosse válida, a praxis da tradução de não importa que língua para não importa que língua deveria dar-se da seguinte maneira: E dado ao tradutor um texto. O texto é composto de elementos que são sombras de ideias. O tradutor deve recordar, de modo a método metódico, essas ideias. Verificadas as ideias, (isto é: verificadas o "verdadeiro sentido" do texto), deve buscar o tradutor elementos nos na segunda língua que são sombras das mesmas ideias. Deve assim produzir um texto na segunda língua que é tradução do primeiro texto. Traduzir, de acordo com esta teoria, é reduzir o texto de uma língua aparente para a língua real, e, em seguida, reprodutir o texto de língua real para outra língua aparente. Mas, conforme será demonstrado em outro ponto destas considerações, a praxis da tradução não procede desta forma. O método metódico não é apenas impraticável, mas ainda inteiramente dispensável, na tradução como praxis. A tese de uma língua única e sustentada todas as línguas é pois, para a praxis da tradução, hipótese supérflua e inoperante. Deve ser abandonada.



"símbolos vazios". Por exemplo: o elemento "gen", ou o elemento "anti-  
 proton" são símbolos vazios, porque na redução para a língua real são  
 eliminados. Não passam de construções auxiliares e provisórias, a serem  
 superadas na tradução, que é a passagem de opinião como a sabedoria. Co-  
 mo já foi superado o elemento "éter", por exemplo. "Tal afirmação é váci-  
 osa, porque faz do pressuposto critério de julgamento. Último pressu-  
 po é que há, nas línguas operantes, elementos "significativos", (que são  
 símbolos de laços), e elementos "vazios", (que não são símbolos). E de-  
 pois distingue entre tais elementos pela sua radicalidade sobre idéias.  
 E deixa indeterminados os elementos que não reduzidos. Como critério  
 de significado ou não significado de elementos nas línguas operantes a te-  
 oria é pois dogmática e inoperante. Afirma dogmaticamente a realidade ou  
 irreabilidade do significado de "éter" ou "gen" por circularidade viciosa.  
 As línguas operantes ignoram tais distíngos soberanamente, ao operarem  
 com um imporre que elemento introduzido, de acordo com as suas regras.  
 E eliminam elementos, (como o elemento "éter"), sob critérios independentes  
 dos do critério desta teoria. Com efeito: para o funcionamento das lín-  
 guas operantes enquanto sistemas abertos que incluem ou excluem elementos  
 a língua real enquanto sistema fechado é inexistente. (Eis um ângulo pa-  
 ra a compreensão da razão, pela qual Nietzsche chamava o platonismo de  
 "nihilismo"). Sob este prisma da falta de feed-back a tentativa de ne-  
 gar a multiplicidade de línguas resulta em inversão: as múltiplas línguas  
 passam a ser "reais", e a língua única ficção insustentável. A teoria é  
 viciosa e deve ser abandonada.

Outras razões em prol da insustentabilidade da teoria poderiam ser dadas.  
 Mas para as finalidades limitadas destas considerações a teoria é dada  
 por abandonada. Reptamos: não foi, por certo, "retirado" o platonismo  
 e sistemas semelhantes. Foi tentada a refutação da teoria da tradução  
 implícita em tais sistemas. Não se diga, no entanto, que tal tentativa  
 é superflua, já que ninguém a aplica atualmente em traduções como praxis.  
 Pode não aplicá-la, (já que é inaplicável). Mas muitos procuram explicar  
 sua praxis por esta teoria. Dizem que traduzem "as idéias do texto". E  
 tomam essas "idéias" como idéias em textos de duas línguas diferentes.  
 E contra esse platonismo, (ou aristotelismo ou tomismo), implícito em mu-  
 ta teoria da tradução atual que estas ~~XXXXXXXX~~ argumentações se dirigem.  
 Procuram explicitá-lo.

Em suma: a teoria da tradução, implícita no platonismo, e que procura negar  
 a multiplicidade de línguas, é insustentável. A despeito dela, a mul-  
 tiplicidade de línguas continua sendo fato.

(11) O segundo exemplo de tentativa de negar a multiplicidade será o sis-  
 tema cartesiano e sistemas semelhantes. E ele resultará, em parte, de  
 considerações como as expostas, mas procura salvar a língua única e des-  
 peito disto. Para tanto abre mão do predicado "real" para a língua úni-

co, e substituí-lo por outro. Tomado como teoria da tradução, o cartesi-  
anismo pode ser assim concebido: todas as línguas, existentes ou virtu-  
ais, são aproximações mais ou menos próximas de uma única língua que lhes  
é padrão e modelo. E neste sentido que são imitações imperfeitas de lín-  
gua única: não como sombras, mas como tentativas. Com efeito: a única  
língua está contida, em projeto e como virtualidade, em todas as línguas  
atuais e a serem atualizadas. E quando esse projeto estiver realizado,  
a única língua substituirá todas as demais, e acabará com a confusão at-  
ual de línguas. A multiplicidade de línguas é um estágio provisório e su-  
perável na tendência rumo à língua única e definitiva.

Sei que a leitura de acima exposto poderá levantar a objeção seguinte:  
o acima exposto procura injetar um aspecto dinâmico e historicista no sis-  
tema cartesiano, aspecto este que não aparece senão contornos de anos  
mais tarde, no romantismo. Procurarei argumentar que este aspecto já é  
implícito na teoria da tradução de cartesianismo, e que os sistemas atin-  
ticos posteriores apenas explicitam e desenvolvem o tema.

Todas as línguas atuais são mais ou menos confusas. O grau e a maneira  
da confusão é, com efeito, responsável pela multiplicidade das línguas.  
Há uma multiplicidade de línguas, porque cada qual se confunde à sua ma-  
neira. Daí a dificuldade de traduzir entre elas: o tradutor tem por ta-  
reta substituir a confusão de uma língua pela confusão na outra. Essa con-  
fusão inerente a todas as línguas tem dois aspectos: toda língua confunde  
os elementos que a compõe ao não distinguir nitidamente entre eles; e to-  
da língua confunde as regras que a estruturam ao não aplicá-las metódica-  
mente. O primeiro aspecto da confusão é responsável pela indistinção de  
toda língua, e o segundo aspecto é responsável pela obscuridade de toda  
língua. Há multiplicidade de línguas, porque cada qual é indistinta e ob-  
scura à sua maneira.

Mas afirmar que todas as línguas são confusas, é implicar que há algo co-  
mum a todas, a saber: negativamente a confusão, e positivamente aquilo  
que confundem. E este fundamento comum a todas as línguas é a língua úni-  
ca, da qual todas as línguas são exemplos imperfeitos. A tarefa da lín-  
gua é revelar, no fundo de todas as línguas, a língua única, e insten-  
ta-la. O método dessa revelação tem dois movimentos, um negativo e um  
positivo. O movimento negativo, (a dúvida), investe contra a confusão  
para dissipá-la. O movimento positivo, (a ciência), articula progressi-  
vamente as proposições da única língua.

O movimento negativo do método dissipa a indistinção entre os elementos  
das línguas por uma ação definidora de todo elemento. Torna assim as  
línguas distintas. E dissipa a obscuridade por uma ação articuladora das  
regras das línguas. Torna assim as línguas claras. E, uma vez tornadas  
distintas e claras as línguas, verifica-se que todas coincidem. São iso-  
morfas, quando tornadas distintas e claras. Porque eram as confusões

das línguas que escondiam seu isomorfismo. Na distinção e clareza todas as línguas passam a ser substituíveis uma pela outra, não há mais problema de tradução, porque todas as línguas formam uma única língua. E é esta a língua na qual a ciência articula as suas proposições em progresso discursivo.

O método de tornar distintas e claras as línguas, em seus movimentos negativos e positivos, (divida-filosofia, e ciência), é um método que se dá no interior das línguas. E reflexivo na sua fase negativa, e propositivo em sua fase positiva. E revela, em ambas as fases, que o fundamento comum a todas as línguas, a língua única, coincide com o próprio método, e saber: é a coisa pensante. No movimento negativo, reflexivo e modificador, a coisa pensante encontra-se a si mesma no fundo de todas as línguas tal qual ela é: clara e distinta. Por isto é a dúvida, (a filosofia), o encontro de coisa pensante consigo mesma. Neste sentido ela é uma terceira das condições de línguas. No movimento positivo, científico e propositivo, a coisa pensante se profeta, discursivamente, e o universo do seu discurso, que ela instrua, (a coisa extensa), se estrutura de acordo com a estrutura da coisa pensante. Porque a coisa extensa, profeta da coisa pensante que é, se dá no interior da coisa pensante. Ela é o universo do discurso da única língua.

Resumindo, esta teoria da tradução pode assim ser formulada: a multiplicidade de línguas é aparente, porque resultado de várias condições da coisa pensante. E é superável, porque pelo método reflexivo e modificador a coisa pensante pode encontrar-se a si mesma e superar as condições das línguas. As várias línguas aparentes profetam vários universos de discursos confusos. Uma vez destruídos pela vida esses universos, são todos eles redutíveis sobre o universo da ciência, este agora indubitável, (já que no interior da coisa pensante), e que é o universo da única língua. Para analisar científica, de acordo com esta teoria, em última análise levar todos os textos das línguas confusas para a clareza e distinção da língua científica, já que todos os textos têm por sentido situações no universo da ciência, ou não têm sentido.

Formulada assim, esta teoria não se distingue tanto, afinal das contas, da teoria platônica, quanto pode parecer à primeira vista. É verdade que a língua única não parece mais, como no platonismo, qual céu sobre as línguas aparentes. Esconde-se, pelo contrário, qual núcleo em todas elas. Em consequência, perde-se o realismo platônico, para dar lugar a um idealismo. Porque se a língua única está dentro das aparentes, e não as transcendex, não tem sentido a distinção entre aparência e realidade. É a verdade que as proposições da ciência não são sabedorias no sentido platônico, porque não são mais adequações do pensamento à realidade, mas são profecções do pensamento. Mas essas diferenças, (e outras), não são suficientemente radicais para evitar a conclusão que esta teoria da tradução não passa de variante de primeira.

## VILÉM FLUSSER

A conclusão se impõe por considerações como estas: A teoria da tradução im-  
plícita no cartesianismo afirma, tanto quanto a platônica, o pressuposto "tu  
do é sistematizável", e está aberta, como a platônica, as objeções a ela de-  
vantadas, desde que sejam convenientemente reformuladas.

A objeção proveniente da prática da tradução continua válida contra este to-  
rte. A teoria pressupõe que a prática da tradução se dá da seguinte maneira:  
É dado ao tradutor um texto. O tradutor deve libertá-lo, pela dívida metódica-  
ca, da sua indistinção e obscuridade. Assim invertida a direção, que é  
o sentido de uma proposição científica. Feito isto, deve buscar na segunda  
língua sentenças que têm o mesmo sentido, acrescido das confusões que são  
próprias da segunda língua. Assim terá surgido um texto que é tradução do  
primeiro. Vê-se que o método da redação não é diferente, essencialmente,  
do método neutro, e é igualmente inoperante e dispensável na tradução co-  
mo prática. A tese de uma única língua, no caso: da científica, é uma hipó-  
tese supérflua para a tradução, e deve ser abandonada.

A objeção proveniente da competência continua válida com força redobrada, e,  
sob este aspecto, a teoria da tradução cartesiana é mais falha que a platô-  
nica e teorias semelhantes. Se as línguas confusas incluem, qual núcleo, a  
língua da ciência, incluem, necessariamente, também núcleos extra-científicos,  
cas, e para as quais a ciência não é competente. Querer reduzir as línguas  
confusas à clareza e distinção da ciência, é querer diminuir-lhes a compo-  
sência e empobrecê-las. Os universos dos discursos das línguas confusas,  
quando reduzidos sobre o universo da ciência, ficam empobrecidos. Esta con-  
sideração sugere uma conclusão exatamente oposta à sugerida por esta teoria.  
É esta: a confusão é uma competência da coisa pensante, e querer eliminá-la  
é querer diminuir a coisa pensante. Portanto, trata-se de uma "não-teoria",  
já que elimina um aspecto de que a teoria. É respectiva a multidimensionalidade  
de línguas como várias competências para a confusão da coisa pensante.  
Uma multidimensionalidade, e saber, pela qual a coisa pensante ultrapassa os limi-  
tes da nota distinção e clareza. A teoria deve ser abandonada.

A objeção proveniente da dimensão das línguas não parece poder ser levantada  
de contra a teoria cartesiana. Porque a língua única não é, necessariamente,  
te, sistema fechado. A língua científica pode, pelo contrário, ser conce-  
bida como modelo de um sistema aberto, com sua constante modificação de de-  
pósito e estrutura. De maneira que se traduzir e formular científicamente  
te, não implica a tradução em abandono de todos incluídos nas línguas con-  
fusas. (Como implica na teoria platônica da língua das ideias). Mas a ob-  
jeção continua válida se for reformulada.

Ho, entre a multidimensionalidade das línguas confusas de um lado, e a língua ci-  
entífica de outro, um processo de feed-back no seguinte sentido: os núcleos  
dos incluídos pelas línguas confusas são traduzíveis para a língua ci-  
entífica e aumentam a sua competência, e os núcleos incluídos pela lín-  
gua científica podem ser traduzidos para as línguas confusas, embora se



formem indistintos e obscuros nesse processo. Em outras palavras, o feed-back funciona de seguinte maneira: os ruídos introduzidos nas línguas com-  
tintas se tornam claros e distintos, quando traduzidos para a língua cientí-  
fica, e os ruídos introduzidos na língua científica se tornam obscuros e  
indistintos, quando as línguas confusas procuram captá-los. Mas se admi-  
tirmos esse fato, a tese da língua científica como língua única torna-se  
insustentável. Porque devemos concluir dele o seguinte: muitas competen-  
cias da língua científica, (quarta e competência nas características), é  
tornar claros e distintos os ruídos captados pelas línguas confusas. De  
forma que a língua científica pressupõe a multiplicidade das línguas con-  
fusas para poder realizar essa sua competência. A multiplicidade das lín-  
guas confusas é uma das condições para que o discurso científico possa dar  
se, e possa continuar dando-se. Mantida a multiplicidade das línguas  
confusas, e o progresso científico estagnaria, pelo menos sob este espec-  
to. De forma que a hierarquia entre línguas confusas e língua científica  
é reversível, e uma pode ser metalingua da outra, dependendo do fluxo do  
feed-back num dado contexto. Se formulada assim, a objecto atinge a teoria  
científica decisivamente. Há um sentido dizer que a língua científica  
é a única língua, já que as línguas confusas nunca podem ser reduzidas a  
teorizarmos, sem que com isso seja diminuída a competência da língua cien-  
tífica enquanto clarificadora de ruídos. A teoria deve ser abandonada  
por viciosa.

Mas há uma quarta objecto, mais fundamental ainda, que precisa ser levem-  
tada contra esta teoria. A teoria parte do pressuposto que todas as lín-  
guas, com excepção da científica, são confusas. É possível discordar-se  
dessa premissa e mostrar ser ela falsa. Mas que seja admitida, para o e-  
feito do argumento. Admitida a premissa, ainda assim a conclusão que de-  
la tira a teoria é falsa. A conclusão tirada é esta: sendo a conclusão  
comum a todas as línguas, é comum a elas também aquilo que confundem. Is-  
to é um erro. Varias línguas podem ser confusas, e no entanto confundir-  
nem algo diferente. De maneira que o processo clarificador da dúvida re-  
todica pode resultar, em algumas línguas, em língua científica, e em out-  
ras línguas em língua de estrutura inteiramente diferente. A estrutura  
científica não é necessariamente o núcleo de todas as línguas. Pode ha-  
ver línguas, (e as há), que não são redutíveis à ciência no sentido car-  
testiano. E os universos dos discursos de tais línguas não são redutíveis  
ao universo científico no sentido cartestiano. (Por exemplo: não são re-  
tenabilizáveis e logicizáveis). Isto implica que a coisa pensante, (se  
admitirmos o conceito), não tem a mesma estrutura em todas as línguas.  
Com efeito: a multiplicidade de línguas prova existencialmente que é pos-  
sível pensar-se em estruturas diferentes. A dúvida metódica não resulta  
na instauração de uma única língua, mas em multiplicidade de línguas e em  
distintas, e em multiplicidade de outras que não são claras nem dis-

línguas serão todas elas indubitáveis no sentido cartesiano, já que resultaram da divisão metódica que se instituiu a partir de línguas confusas. A teoria é insustentável e deve ser abandonada.

Por certo: o cartesianismo não foi rotulado pela argumentação precedente. A sua meta era apenas a redução da teoria da tradução implícita nele. E essa meta é de suma importância na medida em que se encontra a especificação lingüística atualmente. Porque muitas correntes atuais, inclusive as ditas logísticas, aderem a várias formas modificadas dessa teoria. O próprio Wittgenstein, (pelo menos na fase do Tractatus), é parcialmente seu adepto. Neste sentido etc essas correntes uma volta em direção de Descartes como consequência de uma reação às teorias kantianas e dialéticas hegelianas e marxistas. E essa volta se explica.

A língua única da teoria platônica, a língua das ideias, é revelada, sob análise, um mito. Mas a língua científica, estipulada como única pela teoria cartesiana, é um fato. E um fato preponderante na atualidade. Não é possível negar levantando a sua pretensão para a universalidade. Nem é possível negar que os universos dos discursos de não importa que língua tendem atualmente a se reduzir sobre o universo da ciência, e que consequentemente se faz-lo com êxito variável. De forma que, a despeito das objeções levantadas, a observação de como atual fornece um forte argumento em prol da teoria cartesiana.

Será ensaiada, no curso destas considerações, uma interpretação desse fato observado que difere de teoria cartesiana. No presente momento do curso de argumento basta, no entanto, dizer o seguinte: a teoria cartesiana, por sedutora que seja, é insustentável. É insustentável, porque, a despeito dela, a multiplicidade de línguas continua fato. Com efeito: a multiplicidade de línguas resulta como fato inalterável da análise desta teoria. E os problemas em tradução, longe de terem sido resolvidos por esta teoria, adquirem, graças a ela, uma contumácia nova. A teoria deve ser dada por reducida enquanto negação da multiplicidade de línguas, enquanto resíduo dos problemas da tradução que essa multiplicidade envolve.

(iii) O terceiro exemplo da tentativa de negar a multiplicidade de línguas será o kantismo em suas várias formas, inclusive na forma dita "neokantiana". O exemplo se distingue dos dois anteriores por tornar quase explícita a teoria da tradução que o informa. Na exposição que se seguirá, a explicitação kantiana de sua teoria será, no entanto, ignorada. Será mantido o método aplicado nos dois exemplos anteriores, a saber: será ensinada uma análise do estruturamento do sistema como implícito em uma determinada teoria da tradução, sem que com isto o sistema vise tal teoria. A vantagem que se espera alcançar com este método é esta: surpreender uma teoria da tradução no fundo de um sistema filosófico, e ilustrar assim a fundamentabilidade da tradução e seus problemas.

forma como teoria da tradução, é a crítica que Kant move à razão uma crítica da maneira como são formuladas proposições em certas línguas. É a dificuldade que se põe, logo de início, é esta: qual é o ponto, a partir do qual a crítica investe contra as línguas, e sobre o qual se apoia? Em outras palavras: onde está o crítico da razão, nela ou fora dela, refletido nela ou sobre ela? A solução da dificuldade contém, como sempre, toda a teoria da tradução implícita no kantismo. A meta dessa teoria é salvar a língua científica como língua universal dos ataques que lhe foram movidos pelos racionalistas, especialmente Leibniz, de um lado, e pelos empiristas, especialmente Hume, do outro. A salvação é ensaiada mediante um sacrifício: é sacrificada grande parte da competência da língua científica, na esperança de salvaguardar a sua universalidade. Assim, mutilada, a língua científica ressurgiu no kantismo como língua universal, embora talvez não como única língua. Com efeito: no kantismo, o especificamente em sua variedade cassiana, é parcialmente abandonada a tentativa de negar a multiplicidade de línguas, o que torna a sua teoria da tradução muito mais atrativa que as duas teorias consideradas. Mas o kantismo continua insistindo sobre uma hierarquização de línguas, e neste sentido lhes nega a multiplicidade. É aqui contra este seu aspecto que tentarei argumentar a consideração seguinte.

O problema crucial para esta teoria, popperiana, é este: onde está quando traduzo, i.e. quando crítico línguas? Nelas, entre elas, ou fora delas? É a questão que demanda a relação do sujeito com o objeto. O problema é colocado nas duas teorias já consideradas. No platonismo, há objetivação radical, e o sujeito é visto como função da língua. No cartesianismo há objetivação radical, e a língua é vista como função do sujeito. Agora a relação allora como problema. A solução proposta é esta: o sujeito transcende as línguas enquanto puro produtor das línguas. Enquanto tal, ele é anterior às línguas e as profeta. E enquanto tal, ele fundamenta todas as línguas cujas proposições têm por sentido situações conhecíveis. Mas enquanto manipulador e operador das línguas ele se realiza nelas. E enquanto tal não pode transcende-las. De maneira que a coisa pensante cartesianamente se cindiu em sujeito transcendente e sujeito immanente, embora essa cisão não resulte em dois sujeitos, mas em um cindido. A crítica das línguas se dá como reflexão, isto é: como restauração da unidade do sujeito, e é, neste sentido, terapêutica.

Com efeito: a cisão do sujeito é a distinção entre a estrutura e o receptor-tótipo das línguas. A estrutura é postulada como anterior às línguas, e comum a todas aquelas que conduzem ao conhecimento. Línguas que não se estruturam desta forma aprorística, são, por postulado, incompetentes para comunicarem conhecimento. O sujeito transcendente é essa estrutura, e simultaneamente impõe essa estrutura. (Esta contradição é elaborada melhor nos sistemas dialéticos, e será considerada nesse contexto). O sujeito immanente tem essa estrutura. E é sobre ela que se processa a ordem

maço dos elementos que vão partilhando as múltiplas línguas. Este postulado fundamenta a teoria da tradução implícita no kantismo.

Em primeiro lugar serão eliminadas da consideração línguas que não se estruturam de forma escrita. Com efeito, essa eliminação é um programa de kantismo no que o caracteriza como criticismo. Não sendo tais línguas canais para comunicações cognitivas, não são criticáveis, (traduzíveis). Porque sentenças que criticam algo são sentenças de línguas estruturadas epioristicamente, já que buscam comunicar conhecimento de algo que criticam. Sentenças sentenças procurarem criticar sentenças de outras línguas que não línguas assim estruturadas, estarão procurando traduzir as sentenças que lhes são objeto. E essa tradução necessariamente imprimirá a estrutura epiorística sobre as sentenças assim traduzidas. Mas ao serem assim estruturadas, deixam de ser sentenças-objeto o que eram; sentenças de línguas que não são assim estruturadas. Éis uma importante limitação da competência das línguas estruturadas epioristicamente, (da "razão pura"): não são competentes para traduzir línguas assim estruturadas. Em outras palavras: nenhuma sentença estruturada epioristicamente e que vise traduzir outra sentença não estruturada assim tem sentido. O significado desse tipo de sentenças é intrínseco para a "razão pura". (Isto elimina, entre outras coisas, toda retórica no sentido tradicional do termo). Como a teoria da tradução implícita no kantismo é um conjunto de sentenças estruturadas epioristicamente, a teoria se constrói, para ela, intraduzíveis, não porque não tenham sentido, mas porque não tem sentido querer criticar-lhes o sentido. Em outras palavras: não tem sentido dizer se têm ou não um sentido.

Eliminadas tais línguas, (ou "formas simbólicas"), da competência da teoria, resta considerar as línguas estruturadas epioristicamente. Ao depararmos com nova dificuldade. Para delinea-la, que seja receptada a situação postulada pela teoria: Um-sujeito, (anterior a todas línguas "da razão"), profeta estruturas, ("categorias"), e simultaneamente é essas estruturas. Dentro das aparções elementos a pertencer-lhes o repertório, e esses elementos serão manipulados de acordo com as estruturas pelo sujeito, que é agora objeto de si mesmo (invente). Os vários elementos manipulados de forma varia são na língua pelo sujeito transcendente, e portanto ao sujeito transcendente. A nova dificuldade nisto é esta: Neste modelo o sujeito é postulado como autônomo, já que profeta regras. E ao mesmo tempo o sujeito é postulado como determinado, já que profeta regras para manipular dados. Em suma: é postulado como vontade livre. A língua contra os dados que a determinam. A dificuldade, para ser superada, exige a distinção entre dois momentos na profecia de estruturas: o momento decisivo, no qual o sujeito transcendente se profeta; e o momento sistematizador, no qual o sujeito transcendente informa os dados contra os quais se profeta. No primeiro momento o sujeito tem o caráter de per-

sonalidade livre, isto é "impera". As regras imperativas que impõe, ele as impõe sobre si mesmo. Nesta sua autonomia ele se autodetermina por um lado "prático" do sujeito. No segundo momento o sujeito tem o carácter de pessoa determinada por dados nos quais ele "indica" estruturas. As regras imperativas que ele impõe, ele as impõe sobre os dados. Nesta sua autonomia ele adquire um carácter "empírico", isto é: ele é determinado pelos dados por ele ordenados pelas suas regras, pelas "categorias indicativas". Este é o lado "teórico" do sujeito. De maneira que por trás das categorias indicativas, (que estruturam todas as línguas), está a categoria imperativa que as gera e motiva.

Pois esta categoria imperativa que fundamenta todas as categorias indicativas, não é, por sua vez, e por definição, teorizável. As línguas estruturadas teóricamente, (por categorias indicativas), não são competentes para a crítica da "prática", a não ser enquanto superação de si mesmas. A "crítica da razão prática" é portanto um derradeiro esforço de tradução, pelo qual o sujeito reduz todas as línguas para um terreno extra-linguístico, isto é, para a regra estabelecadora de línguas que é o imperativo cate-górico enquanto motivo de línguas. A dificuldade foi pois superada por nós: a articulação da competência das línguas; não são competentes, enquanto línguas, de articular seu próprio fundamento, embora o tivessem auto-imposto. Porque a articulação na forma de um imperativo é uma superação das línguas mesmas. (Não é autêntica teoria).

Superada a dificuldade, torna-se possível, finalmente, considerar as múltiplas línguas, isto é: criticar a "razão pura". Uma consideração é óbvia, desde o início: é preciso distinguir, nelas, repertório da estrutura. O repertório, isto é os elementos que pertencem às línguas, distinguem uma da outra. A estrutura, isto é as regras que ordenam os elementos, são comuns a todas. Esta consideração implica outra: línguas surgem e se desenvolvem, à medida que incluem elementos na estrutura. São sistemas fechados quanto ao repertório, mas quanto ao repertório são sistemas abertos. O seu fechamento é seu carácterístico "a priori", a sua abertura seu carácterístico "a posteriori". De maneira que as línguas devem dispor de dois tipos de regras que as estruturam: regras que manipulam os elementos do repertório, e regras que permitem que elementos sejam acrescentados às línguas. O primeiro tipo de regras é chamado "categoria", o segundo tipo é chamado "forma de aceitar elementos como tais = Wahrnehmungsbildung". São elas formas que percebem elementos externos, (ruídos), como elementos vir-tuais de línguas, ("Anschauungsformen"). O primeiro tipo de regras garante a estabilidade, o segundo a dinâmica progressiva, do processo discursivo, do "conhecimento". Simplificando, é possível dizer-se que o primeiro tipo de regras é a lógica e a matemática, e o segundo tipo de regras é o espaço e o tempo.

Dada esta característica da estrutura das línguas, deve ser possível distin-  
 guir-se nela três formas "gramaticais", a saber (1) palavras lógicas, (que  
 correspondem às categorias), (2) substantivos, (que correspondem à "Anschau-  
 ungsform" do espaço), e (3) verbos, (que correspondem à "Anschauungsform"  
 do tempo). E estas formas gramaticais devem ser encontradas, explicita-  
 ou implicitamente em todas as línguas que comunicam conhecimento. Todas as  
 demais formas gramaticais devem ser, em tese, reduzíveis às três menciona-  
 das. E as palavras lógicas devem ser reduzíveis, em tese, às doze catego-  
 rias que Kant postula para o conhecimento.

Com esta estrutura fechada o sujeito nela imanente pode operar da seguinte  
 maneira: pode formar sentenças que combinam substantivos e verbos que se  
 encontram no repertório da língua com palavras lógicas. Estas sentenças  
 serão apriorísticas, porque obedecerão à estrutura apriorística, e serão  
 analíticas, porque nada acrescentarão ao repertório da língua. Tais senten-  
 ças "nominais" serão especulações da língua sobre se mesma e não terão va-  
 lor de conhecimento. Ou pode articular substantivos e verbos que ou não  
 estão incluídos no repertório da língua, ou, se estão, não têm o mesmo sig-  
 nificado que adquirem pela articulação presente. Esta articulação é a in-  
 clusão de ruídos no repertório da língua, cujo significado é um fenômeno  
 captado na forma "tempo" no caso de um verbo, e na forma "espaço" no caso de  
 um substantivo. Tal articulação, (observações empíricas), será a posteriori,  
 porque consequência da língua e não estruturada pelas regras a priori impos-  
 tas, e será sintética, porque acrescentará ao repertório da língua um novo  
 elemento. Finalmente pode inserir essas articulações em sentenças estrutu-  
 radas pelas línguas. Tais sentenças serão apriorísticas e sintéticas, e co-  
 municarão um novo conhecimento. E este tipo de sentença que propõe o dis-  
 curso da razão pura rumo a um conhecimento sempre crescente.

As seguintes opções poderão ser formuladas contra a descrição precedente:  
 (1) é uma simplificação, parcial falsificação, e distorção da teoria do co-  
 nhecimento kantiano, (2) introduz uma terminologia que contradiz as intenções  
 de filosofia kantiana, e (3) é um empobrecimento das sugestões contidas nes-  
 sa filosofia. As opções são válidas para quem tomar a descrição como cri-  
 tica do kantismo. São inválidas para quem as tomar como quer ser tomada;  
 descrição de uma teoria da tradução implícita no kantismo, e tornada expli-  
 cita atualmente por toda uma série de linguistas e filósofos da língua.

O argumento poderá prosseguir a despeito delas.

A multiplicidade de línguas é negada, por esta teoria, da seguinte forma:  
 é afirmada uma estrutura imposta a priori sobre todas as línguas que comuni-  
 cam conhecimento, e que é igual a todas. E afirmando um sujeito transcendente  
 te igual a todas línguas. E é implícito um substrato comum e inarticulável  
 para todas as línguas; a "realidade" da qual as línguas servem ruídos. A  
 multiplicidade de línguas é admitida, por esta teoria, da seguinte forma:  
 admitida: é admitida uma multiplicidade de línguas que não comunicam conhe-

em linguagem que tais linguas comunicam. Desta forma a teoria salva a lingua universal da ciencia das objecoes levantadas contra o cartesianismo, pelo prego da limitacao da competencia dessa lingua. A ciencia é o plicite em todas as linguas que comunicam conhecimento e que se torna explicito pela critica dessas linguas. A ciencia é pois competente para formular sentenças estruturadas pelas categorias do conhecimento e que incluem elementos cujo significado são ruidos, (juízos sintéticos a priori). Em outras palavras: a ciencia é competente para conhecer fenomenos. Ela é in-competente para informações de outro tipo, para a realidade, e para valores. Em outras palavras: ela não é lingua universal para sistemas não estruturados categoricamente, ela não pode articular o "em si", e ela não pode articular, a não ser por tradução deformadora, imperativos. Considere-se como funciona esta teoria para explicar a tradução na praxis. É dado ao tradutor um texto. O tradutor verifica, criticamente, se o texto comunica conhecimento. Isto é: se está estruturado pelas categorias de conhecimento. Se estiver assim estruturado, a tradução é possível, porque todas as linguas não passam de repertórios variados na mesma estrutura. Para traduzir, basta substituir os elementos do texto dado por elementos correspondentes na segunda lingua. O novo texto terá o mesmo sentido do texto original, e será tradução por isto. Se não estiver assim estruturado o texto, a teoria se confessa incompetente para explicar traduções para outras linguas. Dal texto não tem sentido para ela. O tradutor é abandonado a práticas inconhecíveis, (intuição, empatia, etc.), e o resultado da tradução é incriticável. Em outras palavras, o que a teoria afirma é o seguinte: traduções de textos científicos, (no sentido amplo deste termo como foi definido por esta teoria), são rigorosamente possíveis, porque a ciencia é lingua universal, implicita em todas as linguas. Traduções de textos extracientíficos são questões de palpite, já que esses textos não têm, rigorosamente, um sentido crítico. Ou: e rigor, não tem sentido dizer-se se tais textos têm ou não tem sentido, e portanto se são ou não são traduzíveis. Não se afirmar, como nos dois exemplos anteriores, que a teoria é insusceptível. Pelo contrario, em contexto futuro, será ensaiada a tentativa de adaptar os propósitos deste trabalho. As objecoes a ela são de natureza diversa. No fundo, são duas. (1) A teoria é inoperante, e (2) ela tem circularidade. A teoria é inoperante, porque evade o problema da multiplicidade de linguas, ao confessar-se incompetente para ela. Nada adiante querer atingir essa multiplicidade pela afirmação que textos em linguas irreduzíveis à ciencia são incriticáveis. São, não obstante, dados, e desartam a tradução, no sentido de serem, na praxis, traduzidos. Uma teoria operante deveria tentar explicar esse fato, isto é: tomar a sério a multiplicidade de linguas,

nao relega-la para o horizonte do problema. Com efeito, este é o vicio principal desta teoria: seu "racionalismo". Toma linguas reduzíveis à ciência por "normais", e as demais por "excepcionais e marginais", e, em certo sentido, desprezíveis. Implica pois em hierarquia, esta sim, insus-tentável.

E a teoria é circular, porque postula o critério da traduzibilidade, e pas-sa a verificar esse critério na praxis. Define o que seja "ciência" como critério da traduzibilidade, e passa a verificar que, efetivamente, textos "científicos" são assim traduzíveis. Esta objeção, com efeito, é uma vari-ante da quarta objeção levantada contra o cartesianismo. Pode haver lin-guas, (e efetivamente as há), que não são estruturadas pelas categorias do conhecimento kantianas, e não obstante, comunicam conhecimento. As pro-posições de tais linguas são efetivamente irreduzíveis à ciência, (no sen-tido kantiano do termo). Este fato, (do qual se tratará em outro contexto), prova que nenhuma estrutura é categórica, (no sentido kantiano), e que não tem sentido falar-se no seu "apriorismo". Levanta a forte suspeita que to-da estrutura é convencional, isto é "a posteriori" de um sistema, e "aprio-ri" de outro. A suspeita será discutida mais tarde. A circularidade da teoria da tradução implícita no kantismo é, neste sentido, dogmática, e despois de sua tendência anti-dogmática professor. Não é uma "boa" teoria, e deve ser radicalmente modificada.

Um conclusão pode ser dito: a teoria kantiana da tradução visa mitigar a multiplicidade de linguas ao dizer que algumas linguas são reduzíveis à ci-ência, e as demais não comunicam conhecimento. Não pode ser considerada boa, porque algumas linguas que comunicam conhecimento não são reduzíveis à ciência, e porque as linguas que não comunicam conhecimento existem entre teoria. Como tentativa de mitigar a multiplicidade de linguas a teoria fracassa, e os problemas da tradução persistem a despeito dela.

(iv) O quarto o último exemplo da tentativa de negar a multiplicidade de linguas será o marxismo. Como se trata de sistema vigorosamente ativo no campo da linguística atual, e portanto plenamente consciente do problema da tradução, (pelo menos nos seus representantes mais ligados), a presente exposição não vê em dilema; ou argumentar contra os linguistas marxistas, ou procurar explicitar a teoria da tradução implícita no marxismo. Porque os dois enfoques não se confundem, e os linguistas marxistas não são exe-getas do marxismo em sentido rigoroso do termo. São, em parte, apójetas, e procuram defender o marxismo das inovações introduzidas na linguística por pensadores "burgueses". E, no curso de defesa, adotam muitos concei-tos e métodos dos seus opositores. (Veja-se, por exemplo, Schaff ou Ner-ski). Para manter uma atitude uniforme na exposição, opta este trabalho pela segunda alternativa. Será tentada uma descoberta da teoria da tradu-ção implícita no marxismo, e os linguistas marxistas atuais serão relega-dos para posterior consideração neste trabalho.



O ponto de vista marxista tomado como teoria da tradução representará neste trabalho o último exemplo de uma tentativa de negar a multiplicidade de línguas e foi escolhido, no lugar de outros pontos de vista dialécticos, o fim de tornar patente a força e a sedução de um tal enfoque. Nele aparece a língua como processo resultante da tentativa do sujeito para adequar-se ao seu objeto e como método dessa mesma adequação sua progressão contínua. É pois necessário ver-se a língua dinamicamente, isto é: simultaneamente como ponto final de um desenvolvimento passado e como ponto de partida para um desenvolvimento futuro. É dinamicamente também no seguinte sentido: simultaneamente é língua como superação de uma tensão que lhe é exterior, ( a tensão entre sujeito e objeto), e como sistema que explode por conta própria interna. Embora esta seja uma visão esquemática e racional, é difícil para ser mantida, dada a constante oscilação do pensamento ao qual obriga. Que seja ensinada essa ginástica mental para fazer com que dela surja o fenómeno escorregadio da língua.

A realidade é um processo de desdobramento de virtualidades que se contra-dizem. O homem é um dos resultados desse processo.